

A CURA PELO AMOR: FLUTUANDO PELAS IMPOSSIBILIDADES DE AMAR

THE CURE THROUGH LOVE: FLOATING THROUGH THE IMPOSSIBILITIES OF LOVING

Luísa Puricelli Pires¹

Resumo: A partir da enunciação de Freud de que a psicanálise é a cura pelo amor, percorremos alguns textos teóricos e situações clínicas e da vida humana, a fim de entrelaçar a criação da possibilidade de amar no sujeito com a vivência transferencial desse amor, apontando considerações a respeito da posição do psicanalista na cena analítica. Por fim, apresentamos a ideia de que esse movimento transferencial que ocorre na clínica psicanalítica traz a possibilidade de o sujeito se reencontrar com seu inconsciente, abrindo espaço para um novo modo de nomear a si mesmo, redirecionando sua libido.

Palavras-chave: Amor. Transferência. Posição do Psicanalista.

Abstract: From Freud's enunciation on psychoanalysis being the cure through love, we examine some theoretical texts, as well as clinical and human quotidiene life's situations in order to intertwine the possibilities of the subject to love with the transferential experience of this love, pointing out considerations on the position of the analyst on the psychoanalytical scene. At last, we will present the idea that this transferential movement, which occurs in the psychoanalytical clinic, brings up the possibility to the subject a reencounter with his unconscious, opening space for a new means of naming him/herself, redirecting his/her libido.

Keywords: Love. Transference. Position of the psychoanalyst.

A CLÍNICA PSICANALÍTICA EM CONSONÂNCIA COM A VIDA.

Este texto parte do movimento que se deu no percurso psicanalítico, quando questionamentos a respeito do porquê alguns analisantes seguem seus processos de análise em contraponto àqueles que encerram seus tratamentos. O que faz com que a análise se dê? Por que alguns analisantes permanecem em análise por um tempo considerável? Em outras palavras, o que faz liga¹?

Cada vez estudando mais o tema da transferência, aqui se abre novo capítulo para transitarmos entre algumas questões que se levantaram durante os anos de prática – sem perder de vista que, embora Freud tenha colocado que a Psicanálise é a cura pelo amor, o amor é da vida.

¹Psicóloga, psicanalista associada ao CEPdePA, coordenadora do Projeto Creare, mestranda e bolsista CAPES no PPG de Psicanálise: clínica e cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
E-mail: luisa_puricelli@yahoo.com.br

“Amar ao próximo como a si mesmo”; “amar é uma capacidade de poucos”; “o mundo precisa de mais amor”; “ninguém sabe o que é amor”; “o amor beira a loucura, é uma doação excessiva do Eu para o outro”; “o amor como um eterno retorno a si mesmo”; “o amor enquanto via para a felicidade possível”; “o amor é a resposta”: algumas questões referentes ao amor, à sua fragilidade, importância e complexidade.

Neste texto não tentaremos entender o amor ou grifar quais dessas frases dizem mais sobre ele. Na verdade, este artigo é uma tentativa de dialogar com o leitor, falando de e a partir da transferência, sem perder de vista que, sempre que se falar de amor, isso que está presente em todos os lugares, tomamos também um tanto de morte², nessa dialética proposta por Freud e por inúmeros outros escritores, psicanalistas, sociólogos, poetas, filósofos. Amor e ódio – personagens cativos, sempre presentes na vida.

Veremos o amor sob alguns diferentes ângulos, buscando traçar um paralelo entre a vida e a análise, em que a transferência ganha espaço principal. Desde perguntas sobre o que é o amor, para que ele serve psíquica e socialmente, até quais os endereçamentos que o analisante faz para o psicanalista no processo de análise, vamos construindo um caminho a percorrer. Tudo isso para, ao final do texto, mostrarmos o caráter incessante do amor, que sempre volta a acontecer, criando novas possibilidades para os sujeitos reencontrarem-se com sua libido. Nesse sentido, sustentamos que a análise é um meio de oportunizar esse movimento das pulsões para que elas possam vir a transitar por caminhos diferentes dos que vinham até aquele momento, produzindo, então, novos deslocamentos.

PARA QUE O AMOR?

Esse esforço incessante é *também* um trabalho de amor. O amor explode de energia criativa, que inúmeras vezes é liberada numa explosão ou fluxo contínuo de destruição. (BAUMAN, 2004, p. 34).

O amor é tema da poesia, da música, do cinema, das artes plásticas. Lado a lado com a guerra e o horror, que igualmente têm seu lugar cativo nas artes e na vida, o amor é fonte inesgotável de afetação nos seres humanos. Sempre reincidimos no amor. Ainda que o difamemos, ainda que possamos traçar um caminho independente e seguro, mesmo que digamos que nunca mais amaremos, a possibilidade de amar se refaz e nos surpreende com enorme exatidão, de modo que, toda a vez que ele retorna ou nós retornamos a ele, sentimos vivenciar um encontro há muito tempo marcado.

Em diferentes expressões encontrei manifestações dessa dita impossibilidade de amor. Anos atrás escutava uma pessoa que achava que jamais poderia ter filhos, pois considerava não ter condições de amar a mais ninguém além de si mesma. Outra dizia ter medo de nunca mais se apaixonar, depois de uma grande desilusão amorosa. Uma moça, ao perder a avó, jurou que jamais seria novamente tão feliz como um dia fora. E recordo bem de um episódio em que um menino bateu a mão ao dar um encontrão em uma cadeira e só se acal-

mou quando seu pai perguntou onde havia se ferido, beijando o local machucado de seu corpo e assegurando-o de que agora estava curado.

Essas são narrativas de situações que representam alguns momentos em que pensamos que não poderemos mais encontrar serenidade e tranquilidade, quando a vida fica tão atribulada e devastada, em que o luto se faz massivamente presente e sentimos que jamais poderemos novamente sorrir, gostar de alguém ou se encantar com uma nova ideia. Às vezes, passamos por momentos de profunda tristeza, em que acreditamos que jamais poderemos sequer voltar a amar a nós mesmos. Nesses casos, até desejamos morrer e abandonar a tudo e a todos, apagando a nossa história e rejeitando qualquer aproximação ou possibilidade de ligação com alguém ou algo. Sentimo-nos sem condições de pensar ou de se colocar disponível para o outro. Sentimo-nos mortos por dentro.

Mas mesmo que passemos longos anos no martírio e no luto, algo muda esse cenário e sentimos vontade de ir atrás de uma nova ideia ou nos preocupamos com alguma coisa. Um pouco de luz se faz, passamos novamente a desejar e ali, no meio do nada, algo surge, um lampejo de vida, de amor, de Eros.

A noção de pulsão de vida ajuda a pensar essa proposição de impulso que força o retorno a um estado anterior de coisa³, neste caso, de voltar a amar novamente. E aproximamos essas palavras conjecturando-as em um sentido de vida e amor, onde Eros se impõe – ainda que também por certo tempo, pois nada é definitivo na dança que as pulsões executam para que a vida se dê. E Eros se impõe como em um curto-circuito, como nomeia Freud (1920/2006), que vem romper com aquele marasmo e contínuo progresso em direção à morte, morte esta inerente ao organismo vivo.

Mas se a morte é inevitável, como encontrar sentido na vida? Uma forma seria empregar uma pequena dose de negação na morte iminente das coisas, das situações e das pessoas e também enfrentar o que Freud (1916/2006) apontou no seu texto sobre a transitoriedade a respeito do narcisismo ferido que, frente ao inevitável da castração, precisa ceder. Dizemos que, se alguns irão se deixar contaminar com o pessimismo do fim das coisas e da passagem do tempo, a posição castrada pode articular a possibilidade de sentir gratidão e contemplação perante o que é belo, ainda que seja transitório – ou melhor, justamente por ser transitório.

Na vida contemporânea e ocidental, muitas têm sido as receitas que vêm sendo veiculadas para que se tenha uma vida feliz, uma vida plena. E a psicanálise vai na contramão dessas propostas. Basta dizer que não prometemos a felicidade aos nossos analisantes, nem propomos soluções para seus problemas. Nesse sentido, a psicanálise promove um espaço de reencontro do sujeito consigo mesmo, movimento que não se sabe como irá terminar e, a bem da verdade, não tem final, como sustentava Freud (1937/2006), já que sempre haverá uma angústia, uma mudança na imagem de si, um luto, uma dor. Se a análise é interminável, assim como a pulsão nunca para de pulsar, então, passamos a questionar, o que, afinal de contas, a Psicanálise oferece. Podemos

recorrer a Freud (1893/2006, p. 316), quando diz que a análise transforma um “sofrimento neurótico em uma infelicidade comum” – o que é bastante limitado e modesto.

O sofrimento psíquico é uma manifestação do que acontece com o sujeito na sua relação com o meio, principalmente com as outras pessoas. Sujeitar-se à sociedade é um processo profundamente traumático que visa controlar os impulsos mais primitivos do sujeito, causando conflitos, impasses, incertezas. Freud (1930/2006) já dizia que a maior causa de sofrimento decorre das relações interpessoais, muito mais que das intempéries na natureza ou das moléstias do corpo. Isso porque, quando o sujeito não consegue equacionar sua vida interna com o exterior, sua libido permanece trancafiada aos padrões estabelecidos precocemente na vida, enrijecendo o funcionamento psíquico e sua flexibilidade.

E, afinal, o que precisamos mais em nossas vidas do que flexibilidade? Elasticidade psíquica para lidar com as diferenças, com a alteridade, com os limites do tempo e do espaço, com aquilo que aprendemos ser o ideal e que está tão longe das situações por vezes desastrosas que vivenciamos. A tal economia psíquica. O equilíbrio necessário para não fantasiarmos demais, nem sermos excessivamente adaptados ao mundo real, não brigarmos demais, nem sermos passivos, não termos tantos sintomas que nos impeçam de sonhar, nem estarmos indiferentes perante os outros, mas possamos transitar entre odiá-los e amá-los. Capacidade de fazer deslocamentos e deslizamentos das certezas que criamos para poder tomar os mesmos conteúdos desde outro ponto de vista, ampliando a percepção e tornando o tempo um amigo e não um carrasco.

Amar aqui está sendo considerado de forma bastante ampla. Desde o amor a uma causa ou ideia, o amor próprio, amor pelos filhos, amigos, pais, irmãos, companheiro ou companheira, humanidade. E, por vezes falamos, neste artigo, no amor que Freud chama de louco, fora dos parâmetros de proteção do Eu, assim como daquele que parece transcender os sentidos, promovendo as mais belas manifestações sociais e os momentos de congregação e compartilhamento. Tudo isso para tentar não criar fórmulas ou padronizações acerca do amor, das relações e dos variados modos de vida.

PARA QUE A TRANSFERÊNCIA?

A análise é um lugar de endereçamento em que cada um pode vir alojar o mais insuportável de seu ser, ligado ao mais estrangeiro. Pelo fato de a ela se endereçar, cada um encontra sua chance inventiva de saber criar, para além da paixão da ignorância, sua transferência singular sobre a presença do analista que oferece a via para um novo amor a se inventar, nascido do ódio colocado no lugar certo. (LACADÉE, 2008, p. 8).

A Psicanálise ganha novo estatuto com o enlace da teoria da sexualidade com a pulsão de morte, que Freud conjectura em *Além do princípio do prazer*, de 1920. A questão da pulsão de morte fascina e, compreendendo sua impor-

tância para redimensionar a escuta abstinente do psicanalista e sua atenção flutuante, a clínica abriu novas portas de acesso ao inconsciente.

A compulsão à repetição colocada por Freud (1920/2006) reflete um impulso incessante do psiquismo a retornar ao estado anterior de coisa, onde se instala um modo de funcionar do aparelho psíquico, voltado para o que já é conhecido e familiar. Tendo sido trazida teoricamente apenas em 1920, Freud (1912/2006) já havia falado dessa dimensão da repetição quando trabalhou a respeito da dinâmica da transferência.

A transferência durante o processo de análise é condição *sine qua non* para que haja psicanálise, o que foi ficando cada vez mais claro na história do movimento psicanalítico, conforme outros psicanalistas aprofundaram as questões trazidas pelo fundador da Psicanálise acerca do tema. De qualquer forma, a transferência também é uma resistência e Freud marca seu caráter repetitivo desde logo cedo na sua experiência clínica.

Freud (1915/2006) dizia que, na neurose, existe certa interferência na capacidade do sujeito amar, pois sua libido fica comprometida a vivências infantis, permanecendo absorvida no amor que destinava às primeiras figuras de seu interesse, de modo que mantém um modo repetitivo de se relacionar, que expressa, no tratamento, como uma “obstinada necessidade de amor” (p. 184). É o clichê estereotípico, marcado por esse padrão profundamente arraigado e ainda assim distante do que o sujeito sabe sobre si, mas que se faz presente na cena analítica com intensidade sensorial de realidade.

Se é repetido na transferência aquilo que não pode ser recordado enquanto uma ficção que o sujeito criou para si mesmo, seja em forma de lembranças ou crenças que o ajudam a nomear a si próprio, a transferência funcionaria como um sintoma: o sujeito sente o que se passa, mas não sabe que ali está o que há de mais verdadeiro em seu ser. O analisante não percebe que, justamente ali na intensidade emocional que enfrenta em relação ao seu analista, o inconsciente se mostra cru e emergente.

Na transferência, o sujeito mostra o que não sabe sobre si, aquilo que está para além de sua compreensão e que anuncia toda uma gama de conteúdos estranhos à consciência. Nesse sentido, a transferência é a via régia ao inconsciente. E nela serão colocadas as energias disponíveis no psiquismo do analisante, sejam elas construídas com quantidades maiores de pulsão de morte ou de libido.

Quando o sujeito chega à análise, a transferência que se instaura replica as vivências amorosas já vivenciadas, sempre repletas de dramaticidade. Ele se queixa, conta histórias, fica em silêncio, briga, desmerece a análise ou a si mesmo, reproduzindo seu modo de se relacionar. Nesse processo de repetição, engendra suas demandas de amor, que Freud (1915/2006) tão bem destacou no texto sobre o amor transferencial ao considerar que “o amor sexual é indubitavelmente uma das principais coisas da vida, e a união da satisfação mental e física no gozo do amor constitui um de seus pontos culminantes” (p. 186).

Saliento, neste escrito, três coisas importantes que se fazem presentes neste texto de Freud: 1) a repetição de um amor da infância é o que ocorre sempre, tendo em vista que todo amor é a repetição do que já foi uma vez sentido como perdido; 2) todo amor é patológico à medida que direciona a libido para um único objeto de amor, representante de todo um arsenal de conteúdos psíquicos latentes, colocando parte do Eu de lado; 3) na análise se faz uso dessas energias postas em jogo na transferência, sejam elas quais forem.

Dizemos que o amor é sempre uma repetição porque só é possível amar se um dia se foi amado, de modo que o sujeito busca nas experiências de agora a (re)vivência das satisfações que ficaram marcadas psiquicamente. Nesse sentido, a transferência é uma resistência e uma demanda de amor, que não pode ser inteiramente suprida.

Mas por que não se pode satisfazer ao anseio do analisante? Basicamente porque, se entendemos a metapsicologia, sabemos que, se há uma verdade em psicanálise, é a de que a pulsão sempre insiste, pois não cessa de não se inscrever. Se a pulsão é o real⁴, como sustenta Lacan (1963-1964/2008), vemos que é no encontro com isso que é o mais puro do sujeito que algo pode vir a ser desdobrado. Nesse aspecto, se o psicanalista retribui esse amor da mesma forma como é endereçado a ele, tampona o buraco e oblitera o espaço de formação de desejo.

Lacan (1960-1961/2010, p. 11) traz o aspecto da disparidade transferencial que se inaugura numa pretensa relação, que ele chama de “bem falsa”. O analista se oferece como objeto de amor e o analisante passa a centralizar sua libido nessa figura, que não é interna- e tampouco externa a ele. O analista, portanto, está nesse limiar, que Lacan (1962-1963/2008) certa vez nomeou extimidade⁵.

Dessa forma, fica evidente que seria desastroso corresponder à demanda de amor, pois é ali que surge o mais inconsciente e verdadeiro do sujeito, de modo que o amor transferencial é uma enorme travessia a ser percorrida pelo analista e pelo analisante juntos, sendo o cerne do trabalho analítico. Entretanto, Freud (1915/2006, p. 185) assevera que não se trata de fazer com que não exista qualquer amor, pelo contrário, segue-se o processo com aquilo que ele nomina um “amor que foi moderado ou transformado”, não sendo satisfeito e tampouco suprimido.

O QUE É O AMOR?

É a presença de um rosto adulto, dominado pelos seus dois grandes olhos, que inaugura essa *conversa*, em que o bebê se percebe olhado, sorri e recebe em troca sonoras manifestações do efeito causado por sua pessoa. Sou visto, logo existo. (CORSO; CORSO, 2006, p. 241).

Freud (1913/2006) frisou que o ódio vem antes do amor na constituição psíquica do ser humano. Essa ideia de que o amor precisa ser criado, de que

ele não está dado desde a priori, se modifica em alguns momentos da obra freudiana, mas, assim como o ódio está relacionado com a pulsão de morte, embora estes não sejam propriamente equivalentes, é possível desdobrar essa frase de Freud e dizer que a pulsão de morte vem antes⁶ que a de vida.

Carregamos em gérmen as possibilidades da pulsão de vida e de morte, entretanto podemos pensar que a quantidade de pulsão de morte que se instala logo cedo na vida psíquica com o advento do nascimento e a entrada na cultura se sobrepõe intensamente à vida. Sabemos que inicialmente o bebê humano é tão dependente do outro que o cuida que sua indiferenciação é precária. Aquilo que os pais desejam para ele é o que ele toma como seu. O nome que lhe é dado, as expectativas que lhe são endereçadas e o olhar que o contempla vão fazendo marcas imprescindíveis para a inauguração de um funcionamento psíquico, que se dá inicialmente através do Outro⁷. Esse banho de linguagem que o sujeito recebe, ao ser nomeado e falado, ao ter sua vida narrada pelos cuidadores, insere-o no mundo e o coloca a questionar sempre o que o outro quer dele, o que esperam que seja e faça. Aí começam as crianças prodígios, os bebês sábios (FERENCZI, 1923/2011) e superdesenvolvidos – que estariam apenas correspondendo ao que é inconscientemente esperado deles.

Nessa possibilidade de a criança ser acolhida psiquicamente pela família que a recebe, vemos que a pulsão de vida investida nela pelo Outro vai mitigando a pulsão de morte e se sobrepondo a ela em alguns instantes. Ferenczi (1929/2011, p. 58) aponta que, pelo fato de o bebê estar muito mais próximo da não existência que da experiência da vida, ele pode facilmente “deslizar de novo para esse não ser”, caso não receba uma injeção de vida que o imunize progressivamente física e psiquicamente, através do que o autor nomeia de tato.

Quando a mãe diz para o bebê “pobrezinho, está cansado, quer dormir”, produz um ato/palavra de benevolência e empatia, “tira com a mão”, como se diz popularmente, a dor do seu filho, ao nomear o que era até então apenas angústia aniquiladora sem nome⁸. Se o Outro pode ocupar o lugar ativo de amante, sendo aquele que ama, o bebê pode ser aquele que é idealizado e cuidado, posição fundamental para o desenvolvimento do seu Eu.

Nesse processo, quando a criança tem o ímpeto de se aproximar do meio, da família e da sociedade, buscando estabelecer relações, pode-se pensar que já houve um movimento destes em direção a ela. É tendo ocupado o lugar de ideal para alguém que a seguir será possível firmar na figura dos pais as raízes do Ideal de Eu, que o sujeito utiliza para construir um modelo para si mesmo acerca do que deve ser. Como num espelho, a criança retorna para o Outro o olhar que lhe foi endereçado e vai se constituindo nesse interjogo entre o seu íntimo e seu externo.

Ao ser amado, portanto, poderá amar. E amando, passa a tomar o objeto⁹ para si, naquilo que Freud (1914/2006) indicou ao dizer que inclusive é esse amor pelo que Lacan nomeou de o Outro que fará com que seja compreendido o recalque, tão importante para a entrada da criança na sociedade. Em outras

palavras, é por acreditar que o desejo do Outro a quer em uma determinada posição que ela vai se submetendo a ele. Dessa forma, enquanto a criança busca manter um certo destaque – de ser a “boazinha” – também está introjetando seu lugar restrito de sujeito castrado – pois não busca mais a satisfação plena e sem limites. Podemos dizer que, ao fim e ao cabo, o Eu executa o recalque para continuar sendo amado.

Os pais achavam tudo o que o bebê fazia uma graça, achavam-no lindo e perfeito, mas aos poucos essa majestade terá que ir descendo do trono e se encontrar com as dificuldades da vida. A criança começa a escutar “não”, fica mais tempo sozinha, os pais passam a voltar a suas outras tarefas gradativamente e efetivamente ela recebe menos atenção. Os cuidadores constroem um primeiro momento de proteção familiar, se tudo correr suficientemente bem, e só depois vem a queda. Queda esta sempre existente e que marca a falta inerente ao ser humano. Como salienta Lacan (1963-1964/2008), aquela nomeação que foi dada pelos cuidadores nunca é total nem supre o que é perdido – até mesmo porque nunca se sabe exatamente o que se perdeu (FREUD, 1917/2006).

Nesse sentido, é também por amor a si próprio que o sujeito se submete ao desejo do Outro, pois, afinal de contas, é este Outro que o sustenta vivo e, porque não dizer, é graças a este Outro que ele se considera importante e pertencente à vida. É nesse amor que se sente vivo. Assim, compreendemos que, para a criança, o desejo de ser amada e de corresponder a isso que lhe é endereçado segue sendo o motor do desenvolvimento psíquico, possibilitando que mais tarde o adolescente se insira na cultura desde outro lugar.

Sendo sempre inicialmente homossexual, por ter o próprio sujeito e seu corpo como ponto de partida, o amor próprio que é, vejam, ao mesmo tempo o amor por Outro (este Outro que sou eu, que está em mim), se constitui com base nessa mesma libido que mais tarde se endereça aos amigos e é responsável pela possibilidade de amar a humanidade, contribuindo para a perpetuação da espécie em um sentido mais complexo. Só é possível amar se o sujeito se sentiu amado (FREUD, 1913/2006).

Enquanto a criança ama a si mesma e ao Outro também está recebendo aquele primeiro amor que sentiram por ela, configurando, assim, o narcisismo, que é tão importante para a criação de uma identidade através da qual o sujeito possa nomear a si mesmo. Ao investir libido no Eu, é possível ter um certo cuidado com seu corpo, seus atos e pensamentos, enaltecer a si mesmo, estudando, trabalhando e se relacionando. O sujeito cuida de si, como um dia foi cuidado. Deseja que seu Eu tenha força e vivacidade, buscando o amor do outro e seu reconhecimento. Faz de si alguém que mereça ser amado, serve ao desejo do Outro e se constitui desde esse lugar.

Estando em busca desse amor, também acaba por reciclar o amor que tem por si mesmo. Quando, mais tarde, recebemos um elogio, muitas vezes nos surpreendemos, pois nunca reparamos naquilo que os outros estranham e apon-tam em nós. E aí podemos acabar ampliando a percepção que temos de nós mesmos, levando nossa libido até o outro, nos identificando com ele, enquanto

nos reabastecemos com a libido que ele endereça a nós. Essa ligação promove espaços criativos e pode manter acesa uma dependência importante. Dependência interessante para que o sujeito se dê conta de que não pode tudo sozinho e precisa mesmo dos outros – mas não os Outros, aqueles que sabem tudo e que podem mantê-lo em um jugo pesado, e sim os outros, seus semelhantes que não são tão idealizados.

Freud (1914/2006) salienta que a capacidade do sujeito em se constituir como tal está atrelada ao que os pais projetaram nele através do seu narcisismo. Entendo que essas experiências marcam um ponto ao qual o sujeito retorna, de forma que a capacidade de amar está intimamente relacionada com o quanto o sujeito foi amado. Mas como sabemos que fomos amados? O amor entre pais e filhos é, com certeza, o tipo de amor mais valorizado socialmente e até mesmo está dado como certo. Todos se chocam quando uma criança é abandonada, assassinada e negligenciada pelos pais, pois se pensa que os filhos são a extensão de si mesmos, sendo algo que deveria ser enaltecido e protegido. Entende-se que a prole é sempre uma sequência dos pais e uma forma de eles seguirem vivos nas lembranças e nos jeitos daqueles que os sucedem, ainda que morram fisicamente.

Entretanto, se pensamos que o amor cessa quando o sujeito sofre de algo mais premente como uma dor física ou um conflito que lhe tome grande quantidade de energia psíquica, o amor passa a poder ser oferecido apenas como aquilo que excede no sujeito, sendo uma energia que resta no psiquismo e pode ser investida em outro lugar desde que não esteja sendo exigida para outros fins. Por isso, os pais podem estar incapacitados de dar esse amor ao filho. E Freud (1914/2006, p. 98) vai além quando coloca que “o amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”, pontuando que, a bem da verdade, todo amor é limitado, é narcisista – ainda que esteja colocado no lugar mais alto e valorizado da nossa sociedade. Ou seja, se ele é direcionado ao bebê recém-chegado é porque ali está projetado algo dos pais, que chama a libido deles a comparecer onde talvez não surgisse naturalmente.

Ainda assim, nesse vai e vem entre o eu e o não-eu, percebemos que o amor é transmitido e, sendo transmitido, só pode se constituir na relação entre os sujeitos. Freud (1930/2006) relaciona o amor com a felicidade, dizendo que a pessoa que busca sua satisfação internamente, sem esquecer de manter uma linha de contato com a realidade, é a mesma que acaba por fazer do amor o centro de tudo, não se contentando em apenas evitar o desprazer, mas buscando um algo a mais na vida.

Freud (1930/2006) aponta o amar e o trabalhar como fonte de satisfação social, de modo que o trabalho seria o ponto de encontro entre o interno e o externo. Depois de tudo o que vimos até aqui, parece que o amor se configura como esse momento de maior indiferenciação com o outro, onde me amo no olhar do outro e é nesse endereçamento que construo minha possibilidade de

amar. Contendo essa dimensão de loucura, o amor causa medo, inclusive porque o objeto que provoca atração e estímulo engendra também uma dor insuportável ao ser perdido – e ele sempre é perdido na sua idealização. Ainda assim, o ser humano busca o amor, o belo, o que não é razão.

O amor, então, não é apenas transmitido tal qual o que recebemos, se não teríamos que aceitar a existência de famílias em que o desamor se estenderia por gerações e gerações, em que ninguém teria a capacidade de amar por não ter sido amado. O que nos prejudica e por vezes nos salva é que nunca somos amados que chegue. Surge, então, novamente, a pergunta: Como sabemos que fomos amados? Não sabemos. Ficamos a vida inteira tentando dizer-nos se fomos ou não, criando ficções, fantasias, delírios, poemas, qualquer coisa que pareça dizer do amor mais do que somos realmente capazes de dizer.

O QUE NÃO PODE SER DITO, APENAS EXPERENCIADO

Este escrito não pretende ditar o que os sujeitos devem buscar em suas vidas, pois a Psicanálise se exime desse papel, não visando a criar fórmulas de cura ou padronizações. Mas ainda assim parece que a frase de Freud, de que “a Psicanálise é a cura pelo amor”, segue vigente.

Freud (1914/2006) adentra as diferenças entre a forma de amar de homens e mulheres, no que hoje podemos ler pensando o ato de amar como masculino no sentido de ser algo ativo. É realmente necessária muita força para amar. Ainda que a máxima “amar ao próximo como a si mesmo” configure questão para Freud (1930/2006), porque não se é capaz de amar aqueles que não são semelhantes ou idealizados, algo escapa sempre neste processo. O amor surpreende e, em períodos mais ou menos longos, rompe barreiras sociais e inova ali onde tudo parecia ter sido compreendido e vivido. Parece que isso fica mais claro quando entendemos o amor como uma potência, que sempre retorna por nunca ser totalmente decifrada. O amor se apresenta no real¹⁰, conforme traz Lacan (1960-1961/2010), naquilo que não cessa de não se inscrever e que tentamos dar conta durante toda a vida. Não nos surpreendemos que cada nova música tente dizer algo a mais sobre o amar e o ser amado, que cada nova relação traga em si um tanto de esperança, assim como a cada dia uma nova possibilidade se abra.

Nunca dizemos tudo sobre o amor. E, se tentarmos, ainda assim teremos que nos defrontar com a ampliação cada vez maior do tema, em vez de um fechamento. Tentemos responder o que é o amor. E não teremos resposta. Ou melhor, teremos várias respostas, cada vez mais complexas e paradoxais. Como salienta Lacan (1960-1961/2010, p. 57), o “amor é uma metáfora” que estamos a todo o momento tentando desdobrar.

Há algum tempo circulou nas redes sociais uma frase supostamente falada por uma criança de 5 anos acerca do que é o amor. Ela dizia “amor é quando você perde um dente, mas não tem medo de sorrir, porque você sabe que os seus amigos ainda vão te amar, mesmo se estiver faltando uma parte sua”.

Em um primeiro instante, o sorriso pode nos pegar desprevenidos e tomar-

mos essa frase como sendo realmente dita por uma criança, o que sempre nos parece mais genuíno. Nessas palavras fica evidente que amor é amar ao outro onde ele não é completo. E isso sempre é conveniente, pois cedo ou tarde nos damos conta de que não somos plenos. Sendo nós castrados, fica a ideia de que o outro, que nos ama, ele sim é pleno e ama-nos até mesmo onde somos imperfeitos. Parando para pensar um pouco mais, porém, parece que a frase diz também dessa impossibilidade que é amar e falar de amor.

Desejar ser amado. Eis o que está presente nesta frase. Você não tem medo de sorrir, de mostrar onde está sua falta, pois recebe um amor que é incondicional. Mas, seguindo a ideia de Freud, não é possível amar a este outro a não ser que ele represente algo que está em mim. Então recorreremos a Lacan (1960-1961/2010, p. 49) e sua célebre frase: “amar é dar o que não se tem”. Nesse sentido, amar se torna um enfrentamento com o real, em que nos encontramos com a falta nua e crua, posta bem à nossa frente, pois, dito sem mais delongas, somos incapazes de amar plenamente o outro. Quando amo defronto-me com minhas próprias falhas e não posso oferecer aquilo que o outro espera de mim. Nesse aspecto, Lacan faz um giro nessa demanda de amor emitida pelo sujeito e afirma que o anseio que dirige ao amante é de que este o ame justamente ali onde é impossibilitado de fazê-lo, visto que ele próprio só pode dar um amor não-todo, justamente por ser também não-todo.

A energia endereçada ao objeto amado é recheada de pulsão de vida, entrelaçada com pulsão de morte, e assim sempre, enquanto vivermos. Constituídos na ambivalência, os sujeitos direcionam sua libido de forma fragmentada e, ainda que nos momentos de paixão estejam com a atenção totalmente voltada à simbiose com o objeto, ninguém vive só de amor, como se diz popularmente. E mesmo que se vivesse, quando se está indiferenciado do objeto, não se poderia dizer amá-lo totalmente, tendo em vista que, na indiferenciação, ama a ele e também a si mesmo.

O amor, portanto, parece constituir um impasse teórico, que só tem uma brecha quando tomamos a frase de Lacan e dizemos que o amor não é total e, por não ser todo, ele pode ser um ato de amor. Dito de outra forma, uma mãe só ama seu filho quando pode não o amar por inteiro, resguardando a ele uma parte privada e reservando para si própria a consideração de um limite do que pode oferecer. Nessa transmissão da falta é que o seu bebê poderá vir a ser um sujeito também não-todo, capaz de amar.

Como Freud já colocava, é a falta que causa o desejo. É quando a mãe não atende a criança que ela pode fantasiar e vir a, mais tarde, realizar ações que sejam específicas para a satisfação da pulsão que esteja em jogo – aos moldes da ação específica, uma vez executada por quem a acolheu nas primeiras experiências de satisfação. Claro que isso desde que ela tenha tido a possibilidade de já ter recebido algo, como foi dito anteriormente. É necessário ser amado para amar, mas, ainda assim, essa força motriz do psiquismo humano é tão arrebatadora que, por vezes, mesmo isso pode ser questionado e, ali, onde havia muito pouco, novas diretrizes podem se formar.

Basta olharmos para o processo de análise, o qual pode vir a engendrar novas quantidades libidinais, endereçadas ao analisante pelo próprio psicanalista no desejo de escutá-lo e de que haja psicanálise ali onde até então havia outra coisa. Esta ética do psicanalista, de criar condições para que o sujeito fale, está perpassada pela transferência e seu manejo. Escutamos as formações inconscientes que o analisante nos dirige em análise, sabendo que coloca em cena sua demanda frustrada de amor, esperando não que nós a contemplemos, mas que possamos transmitir a ele nossa possibilidade de amá-lo – possibilidade de esta bastante restrita (FREUD, 1915/2006; LACAN, 1973/2003).

A frase de Freud de que a cura se dá pelo amor pode ser desdobrada ainda em mais este sentido: a cura se dá pelo amor que o próprio analisante irá doar ao seu tratamento e que, por circunstâncias da própria relação transferencial, este amor retornará a ele, não no sentido de troca amorosa, mas fundado na própria possibilidade que se institui na análise de que o sujeito possa vir a amar a si mesmo. Essa reconfiguração narcísica é o ponto sobre o qual há maior demanda de trabalho no processo analítico, pois o sujeito, encontrando-se com seu inconsciente e suas idiossincrasias, poderá lançar sobre si mesmo um olhar mais amoroso, sustentado pelas suas próprias impossibilidades de ser perfeito ou completo.

Como sustenta Lacan (1960-1961/2010, p. 26), esta é uma “situação ainda mais temível se imaginamos, justamente, que, devido à natureza da transferência, o que lhe falta, ele vai aprender amando”. Na disparidade transferencial que coloca o sujeito em assimetria com a figura do analista, a falta é engendrada em um caminho do vir a ser, que nunca está terminado. O sujeito sempre está sendo, constituindo-se. Nesta aproximação exposta aqui entre esse infinito e indecifrável que é o amor e que também é o inconsciente, chegamos à conclusão de que o analisante só pode falar de uma coisa. O sujeito só fala do seu inconsciente, só fala de amor – amor pelo Outro em si. E o que o analista oferece? Ele faz uma oferta de amor, que é um blefe; ele põe à disposição algo que está na verdade morto e passado, que é a castração; ele faz uma ruptura e exerce função de falta.

Este é um processo que está para além do que é dito, sendo repetido na transferência e curado na sua trama, a partir da posição abstinentemente que o psicanalista ocupa na análise. E, ao final do processo, o analisante jamais poderá responder se foi amado pelo seu psicanalista, ele apenas saberá (de forma inconsciente – o único saber que a psicanálise se ocupa) que o que experienciou foi o suficiente para que muita coisa se movimentasse.

NOTAS

¹ Dizemos o que faz liga enquanto uma brincadeira com o sentido de o que faz liga na culinária, como o que faz liga para que um pão possa crescer e alimentar as pessoas. Em outras palavras, que ligação libidinal se dá no processo analítico.

² A morte em psicanálise está ligada ao que está dado como certo que acontecerá, porém é impossível de se fazer representar. A morte pode ser vista como os limites, as

castrações, as faltas e os vazios. Relaciona-se também com o conceito de pulsão de morte trazido por Freud (1920/2006), marcando um caminho silencioso em direção à morte, que apenas pode ser adiável.

³ A repetição de um caminho já conhecido, seja prazeroso ou não; em outras palavras, o caráter conservador da pulsão, seja ela de vida ou de morte, como salienta Freud (1920/2006).

⁴ O real é um dos registros psíquicos propostos por Lacan (1953/2015), sendo o que surpreende e escapa, ligado ao corpo e à morte, como aquilo que não cessa de não se inscrever psiquicamente, ou seja, que não tem representação psíquica.

⁵ A palavra êxtimo é usada por Lacan para brincar com aquilo que é íntimo e externo ao mesmo tempo, sendo um estranho familiar ao sujeito. A extimidade ganha vida quando Lacan coloca os registros real, imaginário e simbólico entrelaçados, oferecendo igual importância aos três na dinâmica do psiquismo. Nessa trama, portanto, o sujeito é criado no mesmo instante em que cria o Outro, em um processo interativo de construção do Desejo. Só é possível articular um Desejo onde o objeto é faltante, ou seja, não-todo. Nessa linha, o psicanalista é um eterno estrangeiro, um êxtimo, que nada conhece, e, por isso mesmo, pode exercer sua função de transitar entre a exterioridade e o íntimo de si, de sua teoria e de seu método (LACAN, 1962-1963/2008).

⁶ Sabemos que o antes e o depois são considerações que elucubramos para tentar desdobrar os conceitos, aproveitando um pouco da produção freudiana a respeito do *a posteriori*. Teoricamente isso é possível, mas a prática nos mostra que as questões estão sempre imbricadas, de modo que toda construção metapsicológica visa a sustentar um ponto de vista e um ponto apenas.

⁷ Tratando a relação de objeto como algo que é sempre parcial e que permanece sempre um tanto indiferenciada, ainda que colabore imensamente para a constituição psíquica do sujeito, Lacan (1954-1955/1985) diferencia o “pequeno outro” do “grande outro”, sendo o primeiro o parceiro imaginário, o semelhante, e o segundo a instância que grifa o caráter simbólico da linguagem. O Outro é aquele a quem damos um poder maior, um ideal ou ídolo que vai nos moldar enquanto sujeitos e que deve ser transitório. E, ao mesmo tempo, o Outro é a instância por onde a rede de significantes se inicia, sendo o ponto de referência para o Eu e o marco de início da possibilidade de se usar as palavras.

⁸ No exemplo citado, a angústia do frio sentida no corpo carrega em si uma sensação de aniquilamento, em que o bebê sente a vida se esvaindo. Isso pode passar, aos poucos, a ser assimilado psiquicamente, a partir do auxílio daquele que o cuida. Aquilo que é sem nome pode ganhar uma entrada no circuito psíquico ao ser nomeado pelo Outro.

⁹ O objeto é sempre interno e externo. O objeto na teoria freudiana (1905/2006) é a representação psíquica que o sujeito tem de alguém ou de algo – o que se aproxima muito da noção de extimidade de Lacan e da sua construção nomeada de Outro. Por isso usamos objeto e Outro quase indiscriminadamente.

¹⁰ Que Lacan aproximar da ideia de Deus, neste mesmo seminário sobre a transferência. Toma-os em consonância com o inconsciente, isso que é infinito, inclassificável, indizível.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CORSO, D.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERENCZI, S. Sonho com o bebê sábio. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. v. III (publicado originalmente em 1923).
- _____. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. v. IV (publicado originalmente em 1929).
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. II (publicado originalmente em 1893).
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII (publicado originalmente em 1905).
- _____. A dinâmica da transferência. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XII (publicado originalmente em 1912).
- _____. A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XII (publicado originalmente em 1913).
- _____. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise III). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XII (publicado originalmente em 1915).
- _____. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV. (originalmente publicado em 1911).
- _____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV. (originalmente publicado em 1914).
- _____. Sobre a transitoriedade. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV. (originalmente publicado em 1916).
- _____. Luto e melancolia. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV. (originalmente publicado em 1917).
- _____. Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XVIII. (originalmente publicado em 1920).
- _____. Mal-estar na civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXI. (originalmente publicado em 1930).
- _____. Análise terminável e interminável. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXIII. (originalmente publicado em 1937).
- LACADÉE, P. O púbere em que circula o sangue do exílio e de um pai. **Revista Estudos Psicanalíticos**, p. 229-238, 2008.

ARTIGO

LACAN, J. **O simbólico, o imaginário e o real**. Discurso pronunciado em julho de 1953 na fundação da Societé Française de Psychanalyse. Disponível em: <http://lacan.orgfree.com/lacan/textos/simbolicoimaginarioreal.htm>. Acesso em: 11 nov. 2015.

_____. **O seminário, Livro 2**. O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (publicado originalmente em 1954-1955).

_____. **O seminário, Livro 10**. Angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (publicado originalmente em 1962-1963).

_____. **O seminário, Livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (publicado originalmente em 1963-1964).

_____. **O seminário, Livro 8**. A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. (publicado originalmente em 1960-1961).

_____. Televisão. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 508-543. (publicado originalmente em 1973).

